

A REMEMORAÇÃO DA ÉTICA CLÁSSICA COMO POSSÍVEL RESPOSTA PARA A CRISE ÉTICA DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL NA ATUALIDADE*

THE REMEMBRANCE OF CLASSICAL ETHICS AS A POSSIBLE ANSWER TO THE ETHICAL CRISIS OF WESTERN CIVILIZATION AT THE PRESENT

Caroline Ferreira Fernandes**

RESUMO

Tendo em vista que é no espírito do tempo (*Zeitgeist*) que poderemos encontrar respostas para as nossas inquietações, buscamos abordar neste artigo a ideia de que Lima Vaz, partindo de sua rememoração (*Erinnerung*) do passado e, principalmente, da sua busca incessante de entender o espírito do nosso tempo, tentou responder à crise do sentido ou crise ética que vivemos, fazendo apelo a um retorno aos princípios da Ética clássica, aos primórdios de uma resposta dada por Sócrates-Platão à crise da cultura grega dos séculos V e IV a.C. no desenvolvimento da chamada ciência do *ethos* da qual Sócrates é o fundador na obra de Lima Vaz.

Palavras-chave: Rememoração, Ética Clássica, Crise do sentido.

*Artigo enviado em 26/08/2011 e aprovado para publicação em 30/08/2011. A primeira versão deste texto foi apresentada como comunicação do IV Colóquio Vaziano de Belo Horizonte, cujo tema foi "Padre Vaz, Platão e a Grécia".

**Concluinte do Bacharelado em Filosofia pela FAJE, membro do Grupo de Estudos Vazianos.

ABSTRACT

Having in mind that it is in the spirit of the time (*Zeitgeist*) that we can find answers to our worries, we claim to approach in this paper the idea that Lima Vaz, from his concept of remembrance (*Erinnerung*) of the past and, mainly, his incessant search to understand the spirit of our time, tried to answer the crisis of meaning or ethical crisis that we live. He appeals to a return to classical principles of ethics, to the beginnings of an answer given by Socrates-Plato to the crisis of Greek culture of fifth and fourth centuries BC in the development of so-called science of the *ethos*, of which Socrates is the founder in Lima Vaz's work.

Keywords: Remembrance, Classical Ethics, Crisis of meaning.

Introdução

Sabe-se que Lima Vaz desenvolveu sua teoria ética centrado na ideia de que houve e ainda há certa continuidade nas *questões fundamentais* que permeiam a origem da história da ética. Segundo Lima Vaz, é fato incontestável de que as grandes *categorias* que permitiram a construção dos primeiros modelos de Ética na Antiguidade permanecem em seu teor lógico fundamentalmente inalteradas até hoje.¹ Essa é a ideia central que queremos tratar, como o nosso tema é acerca da influência de Platão e, conseqüentemente, da filosofia grega no pensamento de Lima Vaz, vemos que é irrevogável a ideia de que, através de uma rememoração — *anámnese* — do discurso ético na Antiguidade e de uma reflexão — *nóese* — ostensiva do nosso tempo, possamos atender à crise ética/espiritual do nosso tempo.

Crise grega dos séculos V e IV a.C. na perspectiva de Lima Vaz

O nascimento da Ética deveu-se a uma crise da cultura grega, principalmente, no embate entre os Sofistas e Sócrates. Com eles fora iniciado um conflito ético que é, antes de tudo, um conflito de valores². Segundo Lima Vaz, a ética nascerá, assim, sob o signo de dois grandes modelos da Razão que se defrontam: a Razão sofística e a Razão socrática.³ Tendo esses dois modelos, o que realmente surgiu como uma possível resposta para esse conflito foi o modelo

¹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica 1*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 82.

² VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 32.

³ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia VIII: Platônica*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 135.

socrático com a descoberta da alma (*psykhé*), que nos leva a uma reviravolta de valores que atinge os próprios fundamentos do *ethos* tradicional.⁴

Tendo em vista que a descoberta da alma em Sócrates é tida como emblema da ética ocidental, pode-se perceber que a ética no seu limiar está amplamente ancorada em uma antropologia, na condição humana, no próprio sujeito moral e, ainda mais, na noção de “consciência moral que passou a ser uma das categorias antropológicas básicas da ética ocidental”⁵ e “o ponto de partida de toda a história da ética”.⁶ A esse respeito nos atesta Lima Vaz:

a reflexão ética implica, como condição *sine qua non* de possibilidade, a pressuposição de um núcleo antropológico infrangível sobre o qual deve apoiar-se todo o discurso sobre o agir humano, seus valores e seus fins.⁷

Assim sendo, pode-se perceber que há uma valorização maior do âmbito espiritual no desenvolvimento da Ética na Antiguidade, do que no âmbito das coisas materiais, como vemos na nossa civilização. Por isso concordamos com Cornford quando ele sustenta que, ao introduzir uma nova concepção de alma, Sócrates transcende uma “moralidade de submissão social”, de obediência aos costumes e tradições, e a substitui por uma “moralidade de aspiração à perfeição espiritual”, isto é, uma moralidade que tem por meio o cuidar da alma e por fim tornar melhor esta própria alma.⁸

Para finalizar, podemos dizer que a crise da cultura grega nos guiou para uma tendência à perfeição espiritual em detrimento ao apego às coisas materiais. É nesse sentido que defendemos não um retrocesso, mas uma suprassunção dos valores éticos da Antiguidade em relação aos valores atuais, que são guiados pela forte presença da razão instrumental. A nossa ideia fundamental sustenta que é no espírito do tempo que poderemos encontrar respostas para as nossas inquietações e, nesse sentido, Lima Vaz nos mostrou exemplarmente que os valores que percorreram a tradição são os valores que precisam ser resgatados. Não sendo arbitraria a nossa postulação de que a Filosofia ainda vive por um “processo dialético entre *anamnésis* — recordação —, e *nóesis* — pensamento”⁹.

⁴VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 32.

⁵ Cf. *Ibid.* p. 59

⁶VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Ética e razão moderna. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, V. 22, n. 68, jan./mar. 1995, p.76

⁷ Cf. *Ibid.* p. 83.

⁸ CORNFORD, Francis MacDonald. *Antes e depois de Sócrates*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 44.

⁹VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Morte e Vida da Filosofia. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, V. 18, n. 55, Out./Dez., 1991, p. 686. Texto republicado em *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*, v. 2, n. 1 (2011), p. 8-23. Para consulta *on line*: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar>

Crise ética da civilização atual

Consoante Lima Vaz, vivemos uma "crise espiritual sem precedentes"¹⁰, em que os valores foram sucumbidos na medida em que se perdeu a noção de historicidade, na medida em que o progresso material se elevou mais do que o progresso espiritual, na medida em que vivemos uma valorização do ter em detrimento do ser, na medida em que "falta à nossa civilização uma *alma ética*"¹¹. A esse respeito, Lima Vaz nos diz:

Não é, pois, no terreno da produção dos bens materiais e da satisfação das necessidades vitais que a crise profunda se delinea. É no terreno das *razões* de viver e dos *fins* capazes de dar sentido à aventura humana sobre a terra. Em suma, a crise da civilização num futuro que já se anuncia no nosso presente, não será uma crise do *ter*, mas uma crise do *ser*.¹²

Podemos afirmar ainda que, se na nossa civilização não há essa noção de uma alma ética, então o problema está na deturpação contemporânea da ideia ocidental de homem. Ideia essa que coloca em voga o homem como sendo o próprio indivíduo ético, sem colocar em xeque a existência ou a inexistência de um *ethos* que fosse passível de justificação, como hoje se declara com a prerrogativa do fim da ética filosófica e da emergência do relativismo moral radical. Afirmando Lima Vaz que:

Nesse sentido, não será temerário afirmar que o fim da Ética filosófica (ou a confissão da sua inviabilidade teórica) assinalará o fim do projeto histórico de uma "civilização do universal", vem a ser, de uma civilização que se propõe construir estruturas de reconhecimento dentro das quais o consenso entre indivíduos e grupos seja possível como consenso racional e livre.¹³

Pode-se dizer, portanto, que se a nossa civilização vive ostensivamente a valorização do ter em relação ao ser, marcando-a como a sociedade que fundamenta o chamado "bem viver" na razão instrumental. Então, só é possível uma solução quando resgatarmos a noção fundamental e originária de *lógos*. O que nos aproxima ainda mais da crise da cultura grega dos séculos V e IV a.C quando se valorizava a *dóxa* em relação à *episthème*, ou seja, quando se

¹⁰VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 7.

¹¹VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia III: Filosofia e cultura*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 137.

¹²VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Ética e razão moderna. Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, V. 22, n. 68, jan./mar. 1995, p. 55.

¹³VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 74.

valorizava a aparência em detrimento da verdade (*alethéia*). Nosso intuito, então, é mostrar que o pensamento vaziano nos dá pauta de que também nos é possível responder a essa crise, como respondeu Sócrates-Platão e, posteriormente, sistematizou Aristóteles.

Então, o que nos resta afirmar é que vivemos a mesma crise que os gregos viveram e responderam magistralmente. Esse embate entre o relativismo e subjetivismo moral com os Sofistas e a irrupção de um *ethos* que fosse universalizável com Sócrates-Platão, revelam-nos uma peculiaridade da nossa civilização que, segundo Lima Vaz, é organizada como “civilização do universal”¹⁴. Assim sendo, o espírito do nosso tempo coloca em questão a própria organização da civilização e a tendência à universalidade das nossas razões de viver. Por isso, nosso filósofo reitera que não é, sem dúvida, por acaso, que nos autores pregoeiros do fim da filosofia se faça visível um vigoroso renascimento do espírito sofístico.¹⁵

Sendo assim, não é sem propósito a afirmação de Lima Vaz que a civilização atual é movida pela lógica da aparência, é, antes de tudo, uma civilização da representação. Na tentativa de reconstrução da sua morada simbólica, o homem moderno não conseguiu captar a unidade do *ethos* que parece estar rompida na sociedade que foi erigida. A esse respeito, Vaz nos afirma com maestria:

O ciclo da modernidade, se o analisamos a partir da teoria do conhecimento nele dominante, pode ser considerado como aquele no qual o homem ocidental intenta refazer a morada simbólica da sua existência no mundo, situando-a dentro das coordenadas e das perspectivas do espaço da *representação*. Ora, o propósito implícito nessa intenção significa, em última instância, assumir o projeto propriamente demiúrgico de edificar um mundo simbólico submetido a um sistema de medidas imanente ao próprio homem, ou ainda, o de ensaiar, como projeto de civilização, a transposição, do plano da *theoría* para o plano da *tekhné*, do paradigma do homem-medida, proposto por Protágoras e criticado por Platão, em plena crise da modernidade grega do século IV.¹⁶

Essa colocação de Vaz só reitera a ideia que sustentamos, a de que vivemos uma crise similar à de outrora, porém com uma grande ressalva, que a crise vivida por nós ultrapassa os arredores de Atenas se estende a toda civilização ocidental. Por isso:

¹⁴ Cf. Ibid. p. 73.

¹⁵ Cf. Ibid. p. 73. Nota de rodapé: 151.

¹⁶ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia III: Filosofia e cultura*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 161.

O que lá era exercício teórico de alguns sofistas, que seduzia apenas a jovem aristocracia ateniense desencantada com a crise e o declínio político da sua cidade torna-se, aqui, um fato universal de civilização e um estilo emblemático de ser e viver.¹⁷

Assim sendo, diante da substituição da razão contemplativa do ser pela razão fabricadora do aparecer¹⁸ na civilização atual, o que podemos dizer é que, quanto mais as ameaças de transformação do próprio ser¹⁹ em razão da valorização do ter pairam sobre a nossa civilização, não poderemos nos imiscuir de uma resposta possível que nos remonta aos clássicos e, principalmente, à busca pela unidade que foi perdida com o modelo representacional da atualidade. Esta perda da unidade é entendida por Vaz como o definhar, até o quase desaparecimento, da capacidade humana de contemplar.²⁰

A rememoração como resposta possível no pensamento vaziano

Segundo Henrique Vaz, como já dissemos acima, a Filosofia é, em sua peculiaridade primeira, *anámnesis* — recordação —, e *nóesis* — pensamento.²¹ Para ele, o fundamento do filosofar, ou melhor, a verdadeira filosofia está na “expressão da dialética do *anamnético* e do *noético*”.²² Sendo assim, podemos dizer que todo o esforço de Lima Vaz em compreender o seu tempo partiu de um labor árduo em compreender o percurso em que se desenvolveu o próprio *lógos*, mostrando-nos que a “filosofia não é um inventário ou uma arqueologia das ideias mortas”²³, mas sim um exercício árduo de reflexão acerca do próprio espírito do tempo que não se encerra na reflexão, mas é resgatado pelo ato de rememoração. A respeito do modo como ele concebe esse exercício, Lima Vaz nos diz:

Partindo da tradição, e tendo vivido o fim ou a exaustão de uma forma de recebê-la e entendê-la, a ela voltamos para, a partir da sua compreensão renovada, podermos definir o lugar e a perspectiva da nossa presença no centro e não às margens da nossa desafiadora realidade.²⁴

Nessa perspectiva, sustentamos que Lima Vaz ao rememorar, remontava, principalmente, ao começo da filosofia, de onde nasceu e

¹⁷ Cf. Ibid. p. 169.

¹⁸ Cf. Ibid. p. 172.

¹⁹ Por isso, Lima Vaz nos diz que o dominador avanço da razão científico-técnica atinge a nossa alma, nossa capacidade e nosso modo de pensar e querer. Cf. Ibid. p. 109.

²⁰ Cf. Ibid. p. 117.

²¹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Morte e Vida da Filosofia. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, V. 18, n. 55, Out./Dez., 1991, p. 685.

²² Cf. Ibid. p. 686.

²³ Cf. Ibid. p. 685.

²⁴ Cf. Ibid. p. 687.

ainda vive o elo conceitual que ainda chamamos de Filosofia, "remontava à manhã grega da filosofia"²⁵, como ele nos atesta. Assim sendo, sua palavra de ordem está justamente na volta aos gregos e, segundo ele, devemos obedecê-la para que a tradição viva da Filosofia venha animar a vida filosófica que aqui queremos viver.²⁶

Por isso, não é arbitrário quando afirmamos que a filosofia vaziana é, antes de tudo, uma volta reflexiva às origens da Filosofia, ao elo conceitual que nos une enquanto seres portadores do *lógos apodeiktikós*, ou seja, da razão demonstrativa, que nos leva à profunda convicção de que:

O itinerário de uma Ética viável nas terras da razão moderna deve recuar aquém das suas fronteiras e reencontrar a trilha platônico-aristotélica para tentar prolongá-la na floresta de racionalidade que cobre a cultura desse fim de milênio.²⁷

Conclusão temporária

Para finalizar, deixemos que o nosso filósofo se justifique, reiterando a nossa proposta e, principalmente, a advertência de seguir esse caminho como possível resposta para as nossas inquietações:

Para nós, portanto, o caminho da rememoração ou o reencontro do começo só pode significar a reinvenção – no sentido literal do termo – do arquétipo platônico-aristotélico do filosofar. É na reconstituição das suas linhas fundamentais que, acreditamos, será possível definir igualmente, no terreno da nossa contemporaneidade, o lugar de uma nova experiência do *lógos* e as condições de exercício do ato de filosofar, de modo a ser ele a comprovação da nossa presença viva como filósofos à história que vivemos como homens.²⁸

Referências bibliográficas

CORNFORD, Francis MacDonald. *Antes e depois de Sócrates*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Morte e Vida da Filosofia. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, V. 18, n. 55, p. 677-691, Out./Dez., 1991.

_____. Ética e razão moderna. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, V. 22, n. 68, p. 53-84, jan./mar., 1995.

²⁵ Cf. Ibid. p. 688.

²⁶ Cf. Ibid. p. 688.

²⁷VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Ética e razão moderna. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, V. 22, n. 68, jan./mar. 1995, p. 78.

²⁸ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Morte e Vida da Filosofia. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, V. 18, n. 55, Out./Dez., 1991, p. 688-689.

_____ *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____ *Escritos de filosofia III: Filosofia e cultura*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____ *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica 1*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.

_____ *Escritos de filosofia VIII: Platonica*. São Paulo: Loyola, 2011.